



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA: lançando um torpedo para bordo de um destroyer

(«Cliché» Garcez).

Lisboa, 12 de Junho de 1916

II série — N.º 538

Assinatura para Portugal, *Trimeste e 1520 cty.*  
 colonias portuguesas *Semest e. 2540 „*  
 e Hespanha: *Ano ..... 4580 „*

Numero avulso. 10 centavos

**Ilustração Portuguesa**

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA  
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.  
 Editor: JOSÉ INHÉREPT CHAVES



## Já se descobriu finalmente o Segredo do Poder Misterioso

Como as pessoas eminentes chegaram a vencer a riqueza e a fama

Um método simples que habilita qualquer pessoa a subjugar os pensamentos e os atos de outrem, curar molestias e hábitos sem a necessidade de recorrer ao emprego de drogas ou remédios quaisquer, e adivinhar os desejos mais íntimos de pessoas, ainda que estejam leguas distantes

Um Livro Extraordinario descrevendo esta Força exquízita, e uma delineação do caracter, é enviado gratis pelo correio a todos logo á receção d'um pedido

O Instituto Nacional das Ciéncias empregou 30:0005 (fortes) 90:0005 (fracos) com o fim de poder distribuir gratuitamente o novo livro intitulado «A Chave do desenvolvimento das Forças Íntimas.» O livro expõe claramente muitos factos assombrosos relativos aos Voges Orientaes, e explica um método extraordinario para o desenvolvimento do



Magnétismo Pessoal, de Poderes Hipnoticos e Telepathicos, e para a cura de molestias sem a necessidade de recorrer ao emprego de drogas ou remédios quaisquer. Também trata a fundo de assuntos referentes ao conhecimento do caracter, e o autor descreve um Método simples de se poder seguramente conhecer os pensamentos e os desejos mais íntimos de outrem, ainda que estejam leguas e leguas distantes uns dos outros. Basta a chegada constante de pedidos de exemplares do tal livro e das delineações do caracter para provar o interesse universal pelas Ciéncias Psicológicas e Ocultas.

«Tanto os ricos como os pobres aproveitam pelo ensino deste novo Sistema», diz o Professor Knowles, «e aquele ou aquela que se quer alcançar, ainda que o sucesso não tem que fazer senão seguir a enérgicamente as regras expostas com tanta simplicidade.» Não ha ouvida nenhuma de que muita gente rica e afamada deve o seu successo ao Poder da Influéncia Pessoal, porém a maior parte do povo tem permanecido ignorante desses fenomenos; por consequente, o Instituto Nacional de Ciéncias empreendeu o dever, um tanto difficil, de distribuir por toda a parte do mundo, sem distincção de class; ou de religião, as informações que até ahí só eram conhecidas por poucas pessoas. Além de fornecer os livros gratis, a cada pessoa que escrever, será também enviada uma delineação do caracter, composta de 400 a 500 Palavras, arranjada pelo Professor Knowles.

Querendo um exemplar do livro e da Delineação do Carater pe.o Professor Knowles, tudo escrito em Portuguez, basta copiar e enviar ao Professor as linhas seguintes (escritas pela propria pessoa):

«Quero dominar o espirito,  
Ter atracção no meu olhar;  
Queira ler o meu caracter  
E enviar-me seu exemplar.»

Queira também enviar o seu nome e endereço por extenso (dizer se é solteiro ou solteira, casado ou casada), que a letra seja legivel e dirigir a sua carta ao: National Institute of Sciences, Dept. 5307 D., N.º 258, Westminster Bridge Road, Londres, S.E. Inglaterra. Querendo cobrir a verba de portes, pode-se enviar (em selos do seu proprio paiz) 15 centavos sendo de Portugal, ou 500 réis fracos sendo do Brazil. A correspondéncia será em portuguez.

**Perfumaria Balsemão**  
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

TELEPH. N.º 2638  
**PERFUMARIA ROSA D'OURO**  
COLossal  
SORTIMENTO  
Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES  
LISBOA

# CHA HORNIMAN

## EM PACOTES

### UM SÉCULO DE EXITO UNIVERSAL

## O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA  
**MADAME**

## Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciéncias, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbaro les, Lambruse, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, Inglês, alemão, Italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis

## Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzá). Vale Maior (Albergama-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contigua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

**Sede em Lisboa.** Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaija e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzá). Vale Maior (Albergama-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contigua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**  
Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**





**Um virtuose**

Willy Ferrero é um chefe d'orquestra. E' mesmo, segundo afirmam, um magnifico chefe d'orquestra. Dá agora concertos na patria de Rossini — e tem nove anos. Dizem que possui um extraordinario valor — e assim deve ser porque nos aparece regendo com suprêmo talento a Quinta Sinfonia. Estarêmos de novo em face de um d'esses curtos meteoros que brilham com extrêmo fulgor durante dois momentos e logo desaparecem da vida? A precocidade é sempre o prenuncio d'uma curta existencia. Aos sete anos Mozart era ouvido com pasmo pelas arquiduezas d'Austria, aos onze escrevia de côr, sem lhe faltar uma nota, o «Miserere» d'Allegri que ouvira apenas uma vez na Capela Sixtina; aos trinta e cinco anos morreu. Talvez em Willy Ferrero se encontre abrigada a alma melodiosa de Mozart. E' uma creança predestinada como ele. Willy, com nove anos, não tem um olhar humano. Ha ali o fogo de Deus. Obra Perfeita surge de repente, desaparecerá, sem duvida, de repente, como um aviso, como um sinal... De quê? De qualquer cousa que nós entrevemos confusamente — mas que não compreenderemos nunca. Um sinal da infinita beleza do Creador.



**O monumento do marquez de Pombal**

Se me não engano, ha perto de seculo e meio que morreu o marquez de Pombal e ha tambem pouco mais ou menos o mesmo tempo que se pensa em lhe erigir uma estatua. Parece-me um arrojado empreendimento. De 1820 para cá, varias commissões têm encanecido n'essa ardua tarefa — e, com franqueza, apesar de pouco, alguma coisa se tem feito. Em primeiro logar resolveram levantar-lhe a estatua; em seguida as commissões, arquejantes d'esse formidavel esforço, escolheram o local. Depois d'isto permaneceram derreadas e nunca mais fizeram nada, conforme insinuam os maldizentes. Erro. Trabalham desmedidamente. Continuam a pensar. Reunem com pontualidade, cada vez mais velhos, cada vez mais brancos, em volta d'uma meza grave. Enterram a cabeça nos punhos — e pensam. Os homens envelhecem e morrem, desaparecem as nações, as sociedades transformam-se. E as commissões pensam. Cousa grave é esta d'erguer um monu-



mento! E', porventura, assunto que se possa decidir em dez anos? Não. Nem em cem. Cousa grave é esta d'erguer um monumento!... E as commissões pensam, pensam até mais não...

**Um hipopotamo**

Vem a caminho de Lisboa um hipopotamo. Estão fazendo-lhe no Jardim Zoologico uma vivenda caprichosa, com agua e gaz, e presentemente o bicho viaja n'uma complicadissima gaiola terivelmente apetrechada, com termometros, barometros, reguladores, toda uma intrincada mecanica para que o ditoso animal não sofra com as variações de temperatura e apareça, rosado e placido, uma d'estas manhãs, no seu confortavel «home» das Lorangeiras. E' natural que este pachiderme se sinta indignado com a sua mudança das margens solitarias do Zambeze. Eterna contradição das cousas da natureza! Bem alimentado, agasalhado com solicitude, sem as torturas da responsabilidade, que mais pôde desejar este famoso ruminante? Ingrato! Só nós, então, com tristeza lambemos os beiços em face de tanta ventura — e desejaríamos ser hipopotamos...

**A exposição Augusto Pina**

Augusto Pina é um dos mais probos artistas que eu conheço. Vive envolvido na sua arte, amorosamente ligado a ela, dando-lhe todo o seu bello esforço sem exhibição e sem «reclame». De todas as exposições ultimamente realizadas nenhuma seduz tanto como a sua; é homogenea e coerente. Compreendem, porventura, o que seja pintar carinhosamente? Pois é a impressão que me dá cada um dos quadros de Augusto Pina. Sin-



to-o um enternecido apaixonado das suas creações; possui a primeira, a mais vibrante qualidade que um artista pôde desejar; por isso é, na realidade, um artista de raça. Tem decisão e caracter, tem, sobretudo, um justo equilibrio de linha e côr. Nenhum outro o eguala na justeza d'expressão; o retrato de «Tchin», por exemplo, triunfalmente o demonstra.

MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)





## «LORD» KITCHENER

A Inglaterra perdeu um grande ministro e Portugal um bom amigo em *Lord Kitchener*, esse privilegiado espirito organisador, esse general tão valente como disciplinador, esse homem tão extraordinario a quem o seu paiz deve inexciveis serviços de ordem militar, politica e administrativa. Ele que tantas vezes expoz a sua vida defrontando-se com inimigos e sempre se saiu com gloria encontrou a morte a caminho da Russia, levado ainda pelo nobre ideal de servir a patria, afundando-se com o couraçado em que ia, o *Humphshire*, contra o qual

explodiu uma mina, ou um torpedo atirado por um submarino, o que ainda se não averiguou até agora.

E' impossivel descrever o doloroso abalo que causou dentro e fóra da Inglaterra este desastre tão inesperado e de tamanha extensão. Em Portugal repercutiu-se ele tão sentidamente como se perdessemos um grande portuguez, n'esta conjuntura, em que a existencia de todos os homens de prestigio é de um valor inestimavel. Efectivamente, Portugal perdeu um dos seus mais leaes e poderosos amigos.



# Portugal na Guerra

A ação militar de Portugal na costa oriental da Africa contra os alemães está admiravelmente combinada com a dos aliados em todo o vasto teatro da guerra na Europa. Todos eles nos significam nos seus jornaes e por varios meios de inequivoca deferencia quanto consideram valiosa a cooperação que começamos a prestar-lhes na defeza da santa causa, por que eles veem trabalhando vae para dois anos.

A tomada de Kionga e o avanço que as nossas tropas continuam a efetuar para o norte, obrigando os alemães a refugiar-se para além do Rovuma, tendo ocupado algumas das ilhas situadas entre as duas margens, debaixo de um fogo intensissimo, demonstram bem um inicio feliz e bem planeado de operações, que se podem considerar o ultimo golpe no arrogante dominio germanico das duas costas da Africa.

São unanimes os elogios que de toda a parte se erguem ao valor das nossas forças de terra e mar, que ali estão operando e encontrando-se hoje as forças alemãs fracionadas

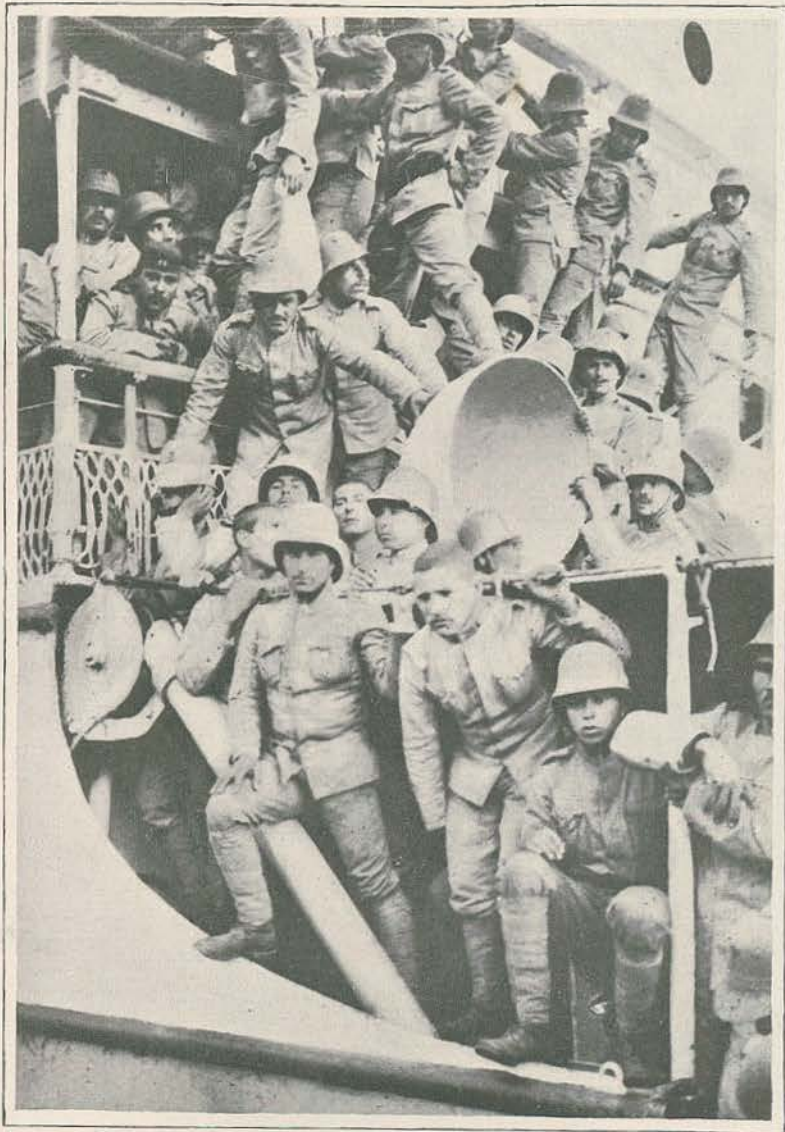
em guerrilhas para tentarem uma ultima defeza que não pôde ir longe. Se estes brilhantes sucesos nos erguem nobremente ao nivel que,

pelas nossas tradições e pelas nossas responsabilidades de aliados da mais poderosa nação do mundo, se nos impunha atingir, vem tambem influir de uma maneira prodigiosa na opinião dos que saem da patria para combater sob a sua bandeira gloriosa.

E' ver a animação ruidosa, entusiastica que vae por todo esse paiz, d'onde confluem quasi todos os dias muitos e galhardos contingentes

aos campos de concentração e de exercicio. Lisboa então tem-nos oferecido por vezes nas suas ruas soberbos e vibrantes espetaculos de tropas que marcham com ardente fé para o seu destino, deixando-nos a profunda impressão de que com eles vae a vitoria.

Ainda no dia 3 d'este mez o batalhão de infantaria 23, na força de 1250 homens, saindo do quartel de artilharia 1 em Campolide, desfilava imponente por um longo trajeto de ruas ao caes de embarque, vitorioso por enorme multidão que em alas assistia á sua passagem. Simultaneamente convergiam para o mesmo local contingentes de artilharia de



Um aspecto dos expedicionarios portugueses a bordo do paquete que os conduziu para as colonias

(Cliché Benollel).

montanha e da companhia de saude, enlevando os olhos do povo comovido de tanto brio e patriotismo do nosso soldado.





Grupo de oficiais expedicionarios no caes de embarque



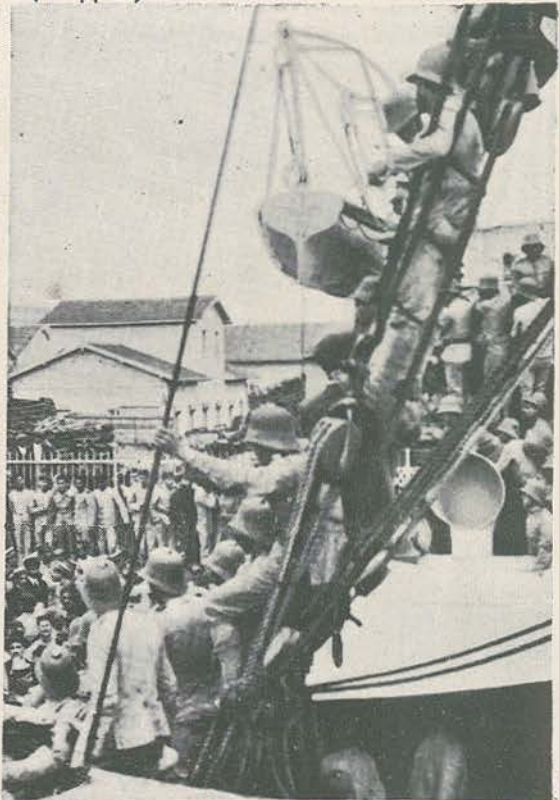
O desfile das tropas expedicionarias pela Avenida da Liberdade

(Clichés Benoitte)

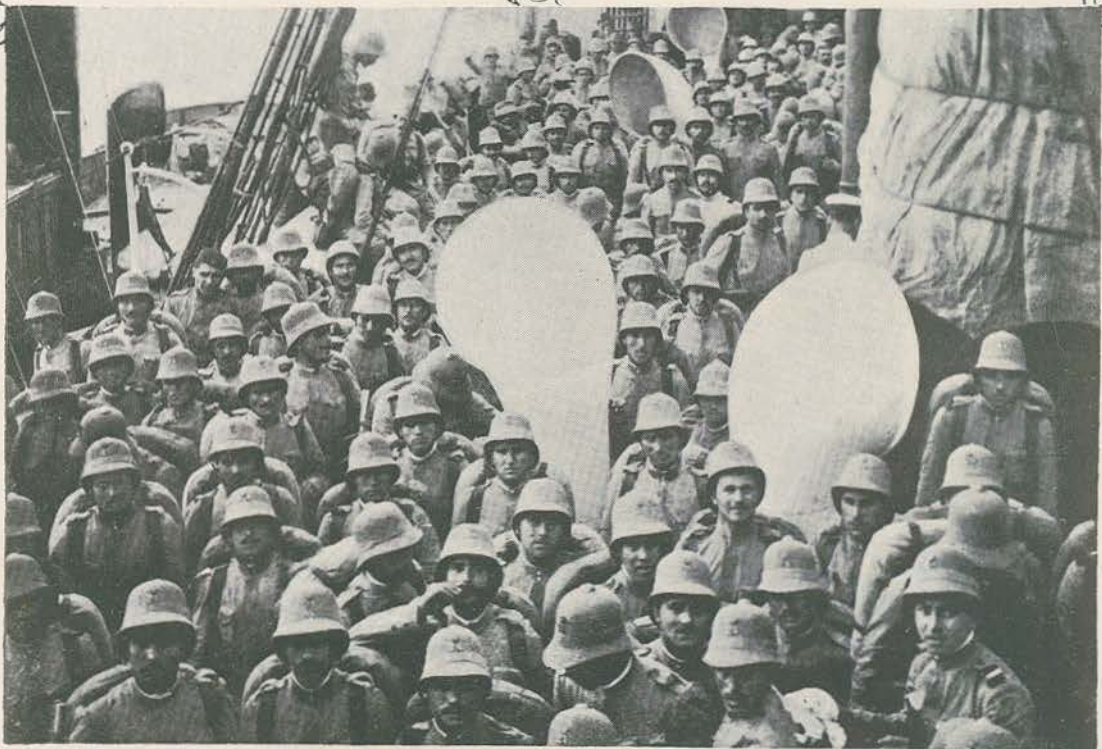




O batalhão do 24 de Infantaria a caminho do embarque



Os últimos adeus dos expedicionários



Aspetto dos expedicionários a bordo

(Clichés Donohé).





O batalhão de Infantaria 23 formado na parada de artilharia 1 antes de marchar para o local de embarque



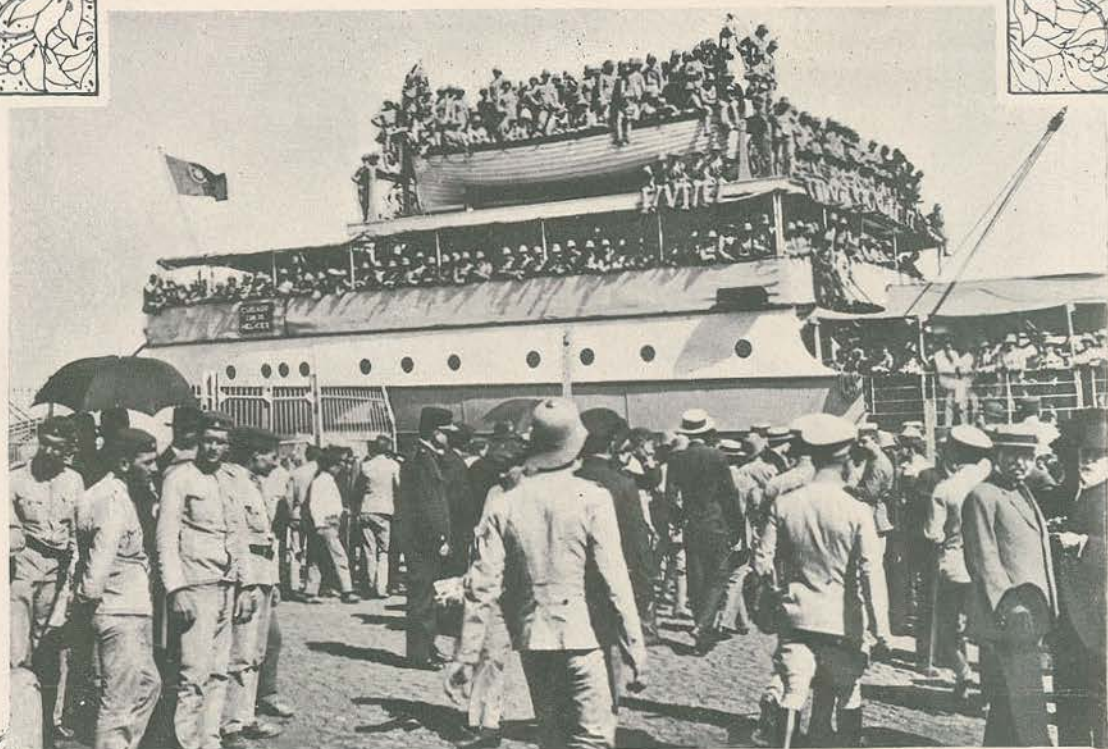
A despedida



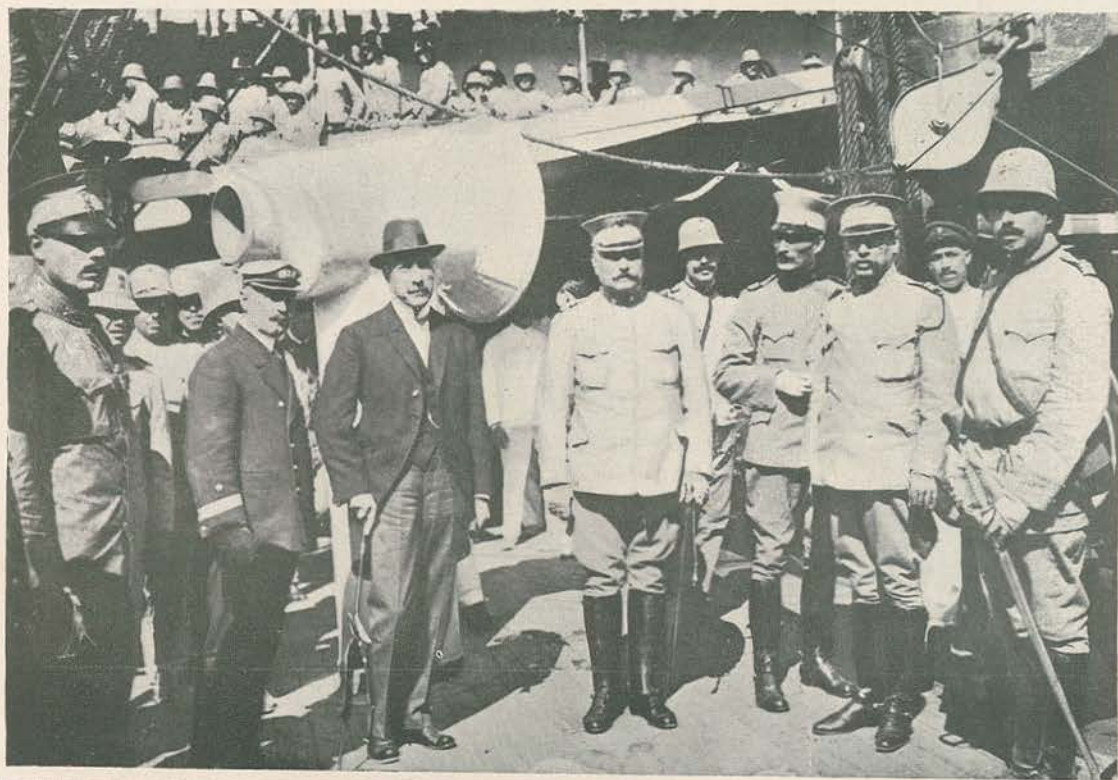
O batalhão de Infantaria 23 em marcha

(Clichés Benolle).



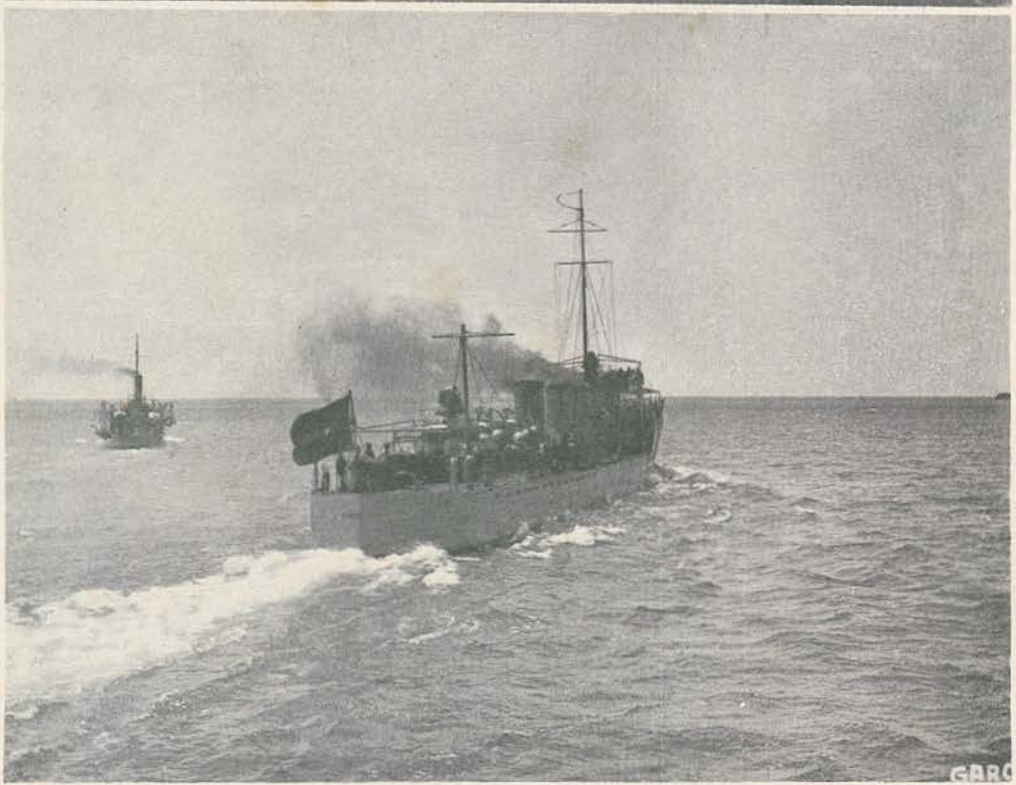
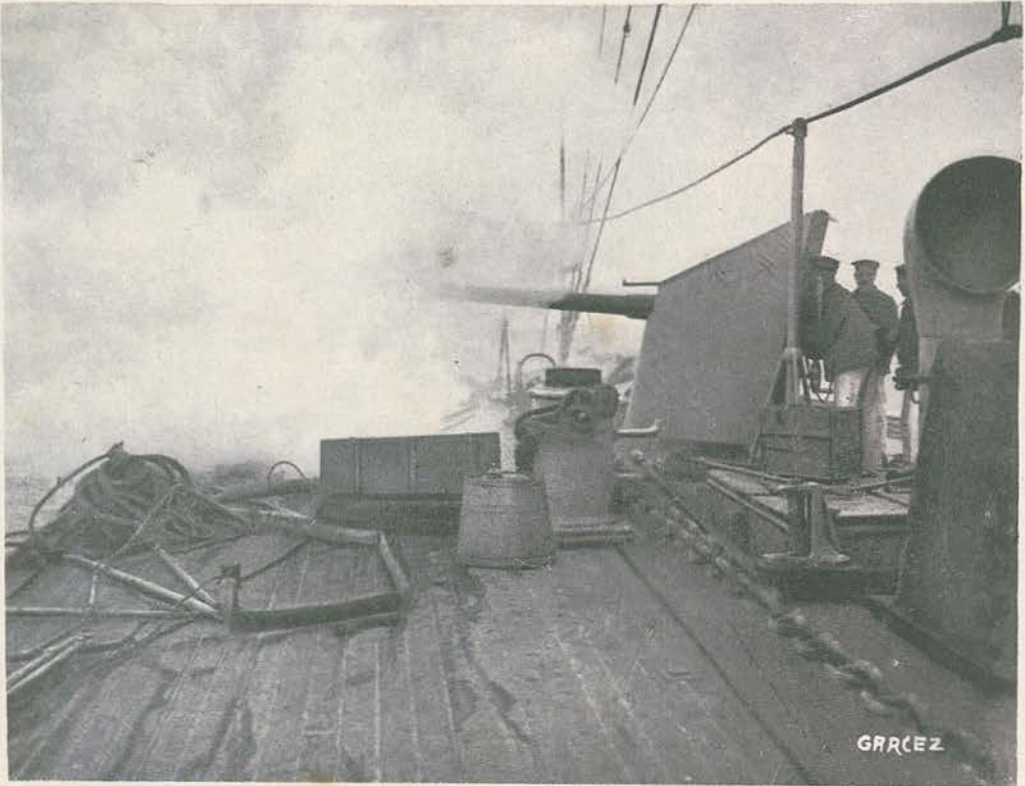


Aspeto de um batalhão do regimento de infantaria 22 a bordo do barco que o conduz às colônias



O general sr. Gil, comandante da expedição e o seu estado maior, vendo-se tamém o comandante de bandeira sr. Stockler  
(Clichés Benoitet).





1. Um cruzador portuguez em exercicio de combate

2. O «destroyer» Guadiana em marcha

(Clichés Garcez).



## PARA A DEFEZA DA PATRIA

A Regua, a laboriosa e rica vila do norte, cujo amor pela agricultura é digno de registo e de exemplo, também é uma das terras genuinamente portuguesas, onde o patriotismo vibra com mais intensidade.

Não se descreve o entusiasmo com que vitoriou a passagem, por ali, do regimento de infantaria 9. Milhares e milhares de pessoas aclamavam febrilmente os soldados, que se mostravam vivamente impressionados com esse calor patriótico, com a viva confiança que toda essa gente punha no valor do seu braço para a defesa da patria. Era um belo espectáculo o de tantas almas que comungavam cheias de ardente fé no ideal sacrosanto da



honra e da integridade da patria.

O sr. ministro da guerra, que assistia na estação ao embarque das tropas, mostrava-se satisfeito e comovido.



1. A multidão entusiasmada á frente de um batalhão do regimento de infantaria 9, que atravessa a ponte sobre o Douro, na Regua, a caminho da estação — 2. O batalhão passando pelo Torrão. Os populares agitam as bandeiras dos paizes aliados, dando vivas á Patria e á Republica — 3. O ministro da guerra, sr. Norton de Matos, na Regua, onde foi assistir ao embarque de infantaria 9 para Tancos.

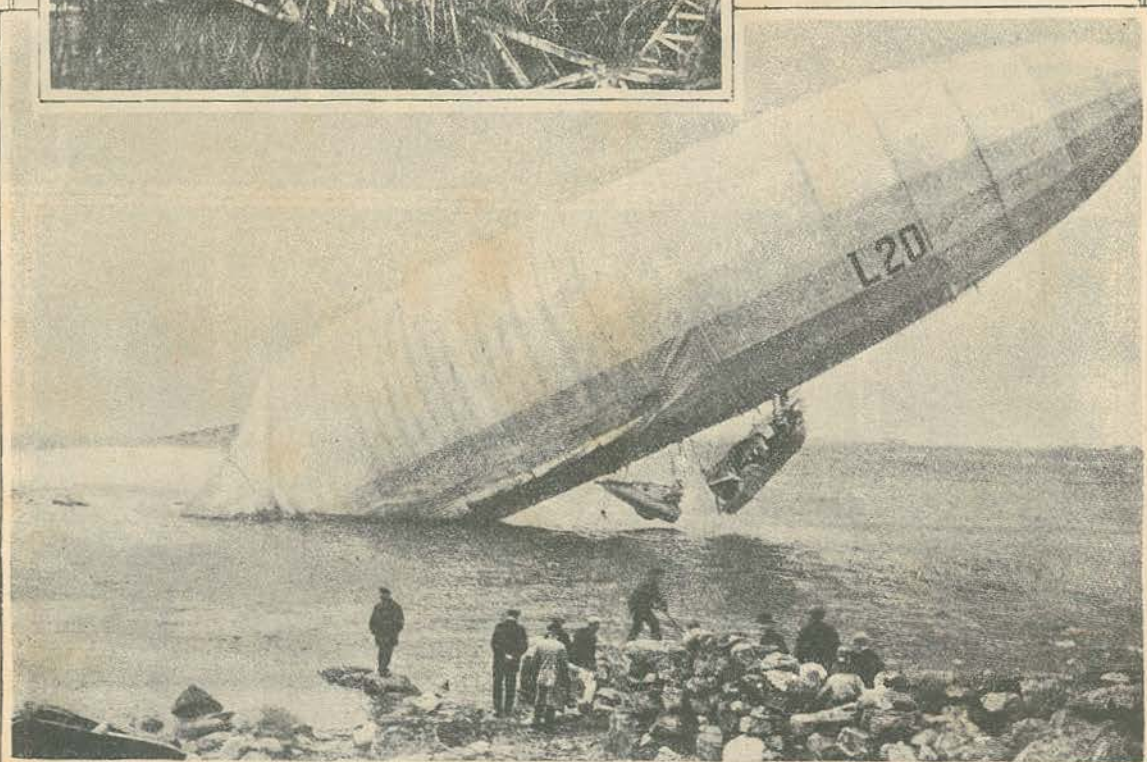
(Clichs do distinto fotografo amador sr. Antonio Teixeira).



## O Velho Mundo em guerra

Na luta do ar como na da terra, os alemães estão sofrendo sucessivos desastres. As suas melhores aeronaves, as que realizavam os extremos progressos da navegação aerea e com que eles contavam intimidar as cidades indefeças dos aliados, vão tombando dia a dia sob o fogo dos canhões e algumas por defeitos do proprio maquinismo.

E' já enorme o numero de dirigiveis inimigos completamente inutilizados. Estes monstros aereos atingem hoje dimensões espantosas, como sejam as de 240 metros de comprimento e 54.000 metros cubicos de volume, as quaes excedem as dos nossos grandes vapores transatlanticos. Por mais leves que se possam fazer as peças que os constituem e o material n'elas empregado, áquelas dimensões correspondem 40.000 quilogramas. E, se dissermos que todo este peso, acrescido do de tripulantes, munições, etc., se póde elevar a 5.000 me-



1' A carcassa do Zeppelin «LZ 85», abatido pelos artilheiros de Salonica, cae junto á foz do Vardar, onde se incendiou.—2. O «L 20», um dos 11 zeppelins que fizeram o raid de 5 de maio sobre as costas Inglesas, cae no mar, qu: mais tarde o arroja á costa.

(Clichés da *VIllustration*)





O rei de Itália e o príncipe de Gales visitando a igreja de Aquelleja, cujo paroco lhes descreve os últimos avanços de tropas

tros d'altitude, isto é, muito para cima das nuvens, veremos que a realidade ainda excede hoje as prodigiosas visões científicas de Julio Verne.

E os alemães não desistem da guerra do ar,

ainda mais traiçoeira e vil do que a dos submarinos, como eles a fazem. Todos os dias perdem aparelhos, mas todos os dias também surgem outros novos para o que as suas fabricas não tem um momento de descanso.



NA CAMPANHA ALPINA



Tropas austríacas varridas por uma enorme avalanche





Um lance difícil nas montanhas austríacas



Um reconhecimento perigoso feito nas mesmas montanhas



Um canhão austríaco 305 em ação no Doberdó





*Italia contra a Austria : — Uma marcha penosa sobre o Adanello*



O transporte dos feridos depois de um combate sobre o Adanello

(Clôches do comando supremo do exercito Italiano).





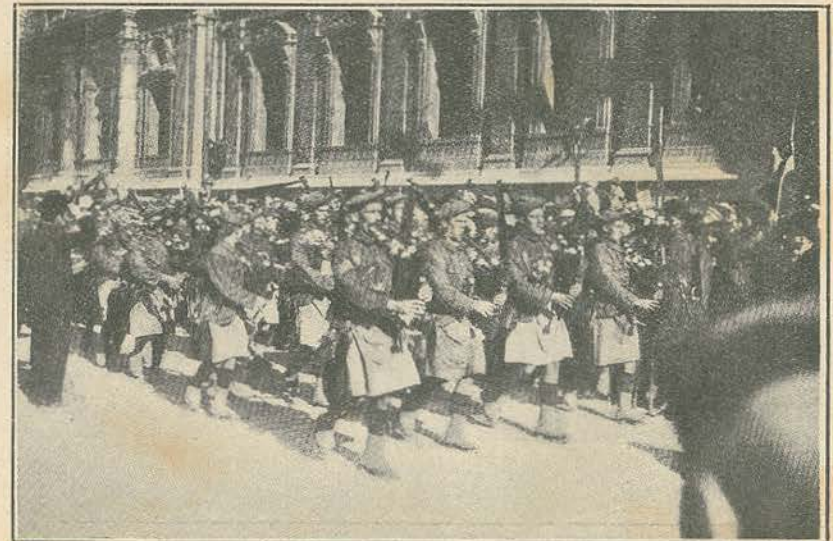
Soldados ingleses na estação



O desfile dos lanceiros indianos



Os australianos que voltam de Gallipoli são cobertos de flores



O desfile dos escoceses com as suas características gaitas de foles





Os velhos da outra guerra agrupados em volta do que lê no comunicado oficial as valentes façanhas do exercito francez  
\_(Pochade do natural por Ferreira da Costa).



Se os alemães continuam a enviar para as linhas de Verdun reforços ás centenas de milhares de homens, os francezes tambem continuam a reforçar constantemente as suas linhas não só com as suas tropas continentaes, mas tambem com as que recebem das suas colonias.



Condecorando com flores os musicos militares Ingleses

(Cliché Charles Trampus).

Os spahis marroquinos teem-se mostrado d'uma disciplina e resistencia assombrosa. Todas as posições importantes que lhes tem sido confiadas, defendem-nas com singular vigor, pondo quasi sempre o inimigo fóra de combate e infligindo-lhe graves perdas.



Spahis marroquinos em continencia



Chegada a Verdun de tropas transportadas para as primeiras linhas  
(Clichés da secção fotografica do exercito francez).





**Cruzada das Mulheres Portuguezas.**—Um gentil grupo de damas da Cruz Vermelha: 1.º plano, sentadas, da esquerda para a direita: D. Helena Santos Lucas, D. Rita Norton de Matos, D. Jevonima Dantas Machado, D. Maria Luíza Vasconcelos, D. Laura d'Aguiilar Santos, 2.º plano, em pé, da esquerda para a direita: D. Marla Dantas Machado, D. Mar.a Cristina Carneiro de Moura, D. Beatriz Soares, D. Elzira Dantas Machado, filha, D. Alice Gonçalves Pereira. 3.º plano, da esquerda para a direita, D. Emilia Simões Raposo e D. Rosete Moraes.





# NO SEU POSTO

distribuição — gritou de baixo, obsequiosamente, o porteiro com a mira nas alviças, ao avistar madame Bonard transpondo já o patim do terceiro andar no prédio em que residia.

— Obrigada, senhor, vem cá acima buscar «pourboir» — respondeu e a no seu portuguez de franceza, trepando rapidamente os lances da escada que a separavam do quinto. Ofegante, puxou com força o cordão da campainha, impaciente por entrar na sua habitação perto do telhado, em cujo beiral sa'titavam já as andorinhas, nuncias da primavera, piando tristemente, debruçadas n'aquelas alturas.

Cartas de França! O coração parecia querer sair-lhe do peito no estranho sobresalto, mixto de jubilo e receio, que a alvorçava.

— Notícias, Julia? perguntou a extremosa mãe a sua nora mal esta abriu a porta.

— Sim, Mario escreveu. Doente — concluiu ela afastando-se e conchegando nos braços a criancinha adormecida, o pequenino Mario, que a avó beijára de leve, receando acordá-lo.

— Doente, o meu Marius...

Madama Bonard entrou de rajada, precipitou-se sobre a correspondência que estava em cima da mesa de jantar e devorou a carta que lhe era dirigida por aquele filho ausente. Aquê e filho que era toda a sua alma e que ela enchera de mimos á custa de heroicas privações; aquele filho por quem ela trabalhára valorosamente a vida inteira, para quem só vivia e que no cumprimento do seu dever civico tinha partido para a frente da batalha, sendo rejeitado como combatente por fraco, mas aproveitado como telegrafista. E, metido n'uma baraca, por vezes com agua até aos joelhos, transmitia despachos dia e noite desde o principio da guerra, dormindo, quando era possível dormir, sobre um feixe de palha húmida em tarimba estreita, exposta ao sol e ao vento.

Mario Bonard tinha um dia de descanso em cada semana. Mas ia já em oito dias que descansava na ambulancia com a pontada lancinante de uma pleurisia provocada pelos frios penetrantes do fim do inverno e dizia que ia ser transportado para um hospital de medicina de Paris. Com palavras do mais comovente amor filial, previnha a mãe, que ele adorava, do seu estado precario; sofrendo mais que o mal fisico a

dôr de não poder abraçá-la e beijar o filho antes de morrer, a linda criança que deixára recém-nascida após dez mezes de noivado com uma boa rapariga que prezava, apesar de se reconhecer incompreendido por ela, pobre criatura sem energia, sem valor moral de espécie alguma, porém de muito coração, de muito sentir, o que lhe ganhára bem depressa o afeto de Mario e a benevolencia carinhosa de sua mãe, espirito esclarecido e aberto a todos os sentimentos generosos.

— Cartas de França, madama. Vieram na primeira

D pois da mãe, que Mario custodiava no sacrario do seu peito, era o filho o que mais amava; e trazia sempre na carteira, bem chegados ao coração, uma série de retratinhos tirados quasi diariamente por madame Bonard, que tinha para esse fim comprado um *kodac* e os reagentes necessarios. E ela propria, para proporcionar alegrias ao filho idolatrado, que sabia tão amavel, a cada passo, nos intervalos das lições, de cujo produto mantinha a familia, ti-ava instantaneos do netinho, ensaiando os primeiros passos, mos'rando os primeiros dentes, a dormir, a brincar, por quantos modos ela o achava interessante e desejava que o pae o visse, tão gordinho e gracioso, com a sua cabeça de anjo, coberta de aneis de cabelo naturalmente encaracolado, olhos irrequietos, boquinha sempre risonha.

O desgosto de saber o filho doente não lhe abateu a coragem. Madame Bonard achou palavras eloquentes para incutir animo no espirito deprimido de sua nora e prometeu lhe leva-la a ver o mari lo. Como? Como arranjaria dinheiro para a passagem das duas? Nem a propria sabia. O que sabia é que iria ver o filho custasse o que custasse.

Madame Bonard pissára parte da sua existencia lecionando a sua lingua pelos collegios de Lisboa desde que lhe morrera o marido, antigo adi o á legação franceza, deixando-lhe nos braços um filho de seis anos. Sem recursos, a não ser o conhecimento da sua lingua, que falava com a pureza de Paris, lutou muito mas creou o filho, deu-lhe o curso do comercio e dispendeu dia a dia quanto ganhou até conseguir colocá-lo numa casa bancaria.

De si nunca pudera fazer caso. Ratonamente vestida, percorria as ruas de Lisboa com o maior desassombro, mostrando não perceber os renarros que o seu trage suscitava. E se alguma alma caritativa d'umas que ha... — lhe fazia notar as suas ratices, respondia invariavelmente:

— Sou estrangeira.

E quantas excentricidades passam á conta de singularidades estrangeiras, que afinal, estudadas na sua causa, traduzem miseria valorosa mas ignorada!

Eram assim as de madame Bonard.

O pouquinho que possuía emquanto o filho, depois de colocado, auxiliára as despesas, dependera-o totalmente mantendo a casa na ausencia d'ele. N'esta conjuntura a pobre creatura não possuía uma joia de que se desfizesse, um objeto de valor. E todavia não desanimava. Tinha uma reserva de energia em todo o seu ser inexgotavel; um cerebro privilegiado onde buscava e encontrava sempre a solução dos mais complicados problemas da sua vida.

Ir a Paris, por terra, na sua situação, era impraticavel. Mas quasi todos os dias saíam do porto vapores que tocavam em terras de França. Madame Bonard deu todos os passos precisos para obter a sua repatriação gratuita pelo consulado. Depois foi





a uma agencia de vapores e ajustou-se como creado de bordo n'um belo barco pronto a levantar ferro para Bordeus. E, ao embarcar, fez-se substituir no logar para que não tivera dificuldade em se fazer aceitar, na sua qualidade de franceza, que facilitava o serviço de passageiros estrangeiros, por sua nóra, menos expedita embora, mas cheia de boa vontade.

Assim conseguiu embarcar, levando o neto nos braços e tres dias depois tomava em Bordeus o comboio para Paris.

Mario fizera saber a sua mãe na carta que lhe escrevera onde eram alojados os invalidados nos serviços auxiliares e onde previa que seria conduzido.

E logo de manhã madame Bonnard, ahogada á capital do mundo, pozera em campo a sua incansavel actividade, conseguindo entrada no hospital de medicina em que fôra internado Mario Bonard e levára-lhe junto do leito o filhinho e a mulher.

Dolorosa surpresa as e perava. Mario, reclinado n'um trono de almofadas em plano inclinado, unica posição em que algum ar podia penetrar ainda nos alveolos dos seus arruinados pulmões, só era reconhecivel pelo olhar. Aos vinte e sete anos estava um velho. Os cabelos tinham-lhe embranquecido totalmente. A pele, mal irrigada, tornára-lhe um tom amarelado. Os olhos tinham-se-lhe encovado no fundo das orbitas e a côr rubra dos labios esfoleados e secos, a roseta vermelha de uma das faces, contrastavam com a palidez geral, atestando a combustão de coisa toxica, que lhe escaldava o sangue dessorado.

Ao vêr junto de si os entes que tanto amava e já não contava encontrar na terra, Mario não fez o minimo gesto; mas a luz dos seus olhos amortecidos reacendeu-se com um brilho intenso. Volveu um olhar ardente á creança, da creança a sua mãe, da mãe á mulher, e tornou a fixa-la no menino onde se demorou enternecido, embaciando-se com duas grossas lagrimas que rolaram lentamente pelas suas faces descarnadas.

A mãe beijou-o na testa, emudecida tambem por

uma grande angustia, olhando-o de olhos enxutos pela concentração de toda a sua dôr, enquanto Julia lhe tomava uma das mãos n'uma convulsão de choro irreprimivel, apesar dos significativos olhares de M.<sup>me</sup>, impotente para fazer conter aquela explosão que não podia deixar de abalar a sensibili-

dade do pobre doente e agravar-lhe o seu estado.

Passada a commoção que o empolgára Mario dirigiu-se á mãe mostrando-lhe o pequenino com o olhar.

—Educa-o como me educaste a mim. Faz d'ele um francez, m<sup>te</sup>. Não para me vingar, que nesta hora suprema de despedida ao mundo não ha idéas de vingança. A patria tem d'reito á vida dos seus filhos. Que ele a honre em qualquer posto,

por mais obscuro que seja, como eu a servi no meu. Nestes momentos derradeiros em que se começa a ter a presciencia do além, o que nos enche a alma é a consciencia de termos cumprido o nosso dever. Não se aflijam que isto é uma separação temporaria. Havemos de nos tornar a vêr...

Mario voltou a cabeça para o lado da mulher. Descerrou os labios para lhe falar mas a voz não se ouviu. O bafo saiu pela ultima vez exalando-se num leve sopro com a serenidade com que as almas destes doentes, já quasi desprendidas na hora final, se soltam do seu envolucro terreno.

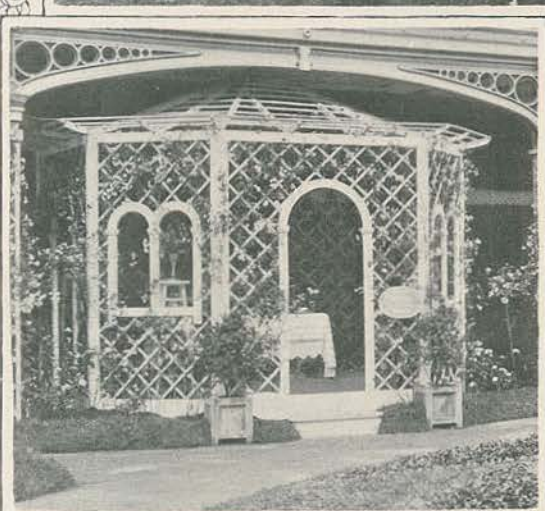
Foi só então que a atribulada mãe se deixou vencer e caiu sobre o leito do morto inundando de lagrimas o cadaver daquele que ela julgava houvesse de lhe fechar os olhos um dia, segundo a lei natural da vida, e que parecia só ter retardado a sua partida do mundo para lhe legar o encargo do filho estremecido, prendendo-a a ela na terra, ligando a velhice á infancia, conjurando todas as suas energias para lhe amoldar moralmente com a mesma mão experimentada e valorosa, o cerebrozinho de cêra mole que ele queria á imagem do seu.

A. C.





## Exposição de rosas no Palacio de Cristal do Porto



Os srs. Moreira da Silva & Filhos, do Porto, levaram realmente entre nós a cultura do fruto e da flor a uma fase de perfeição admirável. A sua exposição de rosas no Palacio de Cristal atingiu o brilho e o encanto, que nenhuma outra atingiu ainda entre nós. Por isso o jury lhe conferiu, com a maior justiça, o *Grand Prix* e 5 primeiros premios em objetos de arte. Mas o maior premio, quanto a nós, foi a admiração unanime e quente de milhares de visitantes perante a obra cada vez mais aperfeçoada dos grandes horticultores.



1. Vista geral da exposição.—2. Caramanchão de rosas.—3. Grupo de roseiras Juliet



## O maestro Franceschetti e a nossa compatriota Cacilda Ortigão



Aristides Franceschetti, maestro e cantor

O mundo musical romano acaba de sofrer um novo e doloroso luto com a inesperada morte de Aristides Franceschetti, exímio professor de canto e velho artista lírico de raríssimas qualidades de inteligência.

Franceschetti era «censor» na Real Academia de Santa Cecilia, cargo este que só é conferido a pessoas de elevada competência artística, e fazia parte do júri para exames de canto na mesma Academia.

Depois de assinados triunfos nos principaes teatros do mundo, dedicou-se ao ensino de canto em Roma, onde conquistou justíssima fama.

D'entre os seus discipulos lembramo-nos citar os sopranos Tilde Milanesi, Ranzenberg, Fanny Anitua, o tenor Evan Gorga, o baixo Arredondo e os barítonos Alessandroni e Gubiani.

Cumpre-nos ainda dizer que Franceschetti era professor da nossa simpática compatriota Cacilda Sá Pereira Ortigão, pensionista do Estado, de quem o publico de Lisboa teve ocasião de apreciar os dotes artísticos quando do seu concurso no Conservatorio e n'um brilhante concerto realisado no Teatro Nacional antes da sua partida para Italia. Esta nossa compatriota, segundo noticias recentes recebidas de Roma, tem tirado grande resultado dos seus estudos de aperfeiçoamento, havendo todas as esperanças de que venha a corresponder á expectativa geral de quantos ouvem a sua bonita voz de soprano ligeiro de um timbre suavissimo e aristocratico. A «Ilustração Portuguesa» que já em tempo prestou homenagem á sr.<sup>a</sup> D. Cacilda Ortigão, publicando-lhe o retrato na capa, tem muito prazer em publicar hoje um dos ultimos que ella tirou em Roma.

A sr.<sup>a</sup> D. Cacilda Sá Pereira Ortigão







OBRA D'ARTE

## A lampada DOS Congregados

É um exemplar admirável e de verdadeiro valor artístico, entre as obras de ourivesaria portuguesa dos nossos tempos, a lampada que o distinto e já ilustre artista cinzelador portuense, sr. João Afonso Alfáro, concebeu, desenhou e executou primorosamente para o altar da Virgem das Dóres, da igreja dos Congregados.

A gravura mostra-nos bem essa obra soberba, magestosa, cheia de harmonia, em que se reproduzem diversos elementos arquitectónicos dos mais famosos monumentos portugueses. Ofereceu-a, por voto, o respeitável comerciante da praça do

Porto, sr. Ezequiel da Silva Guimarães, juiz da Irmandade dos Congregados d'aquela cidade, ao altar da sua devoção.

O ancião venerando, cujo retrato publicamos, proporcionou ao novel artista mais um triunfo na sua gloriosa carreira. João Afonso Alfáro apesar dos seus 23 anos tem já honrado o seu nome e a ouri-

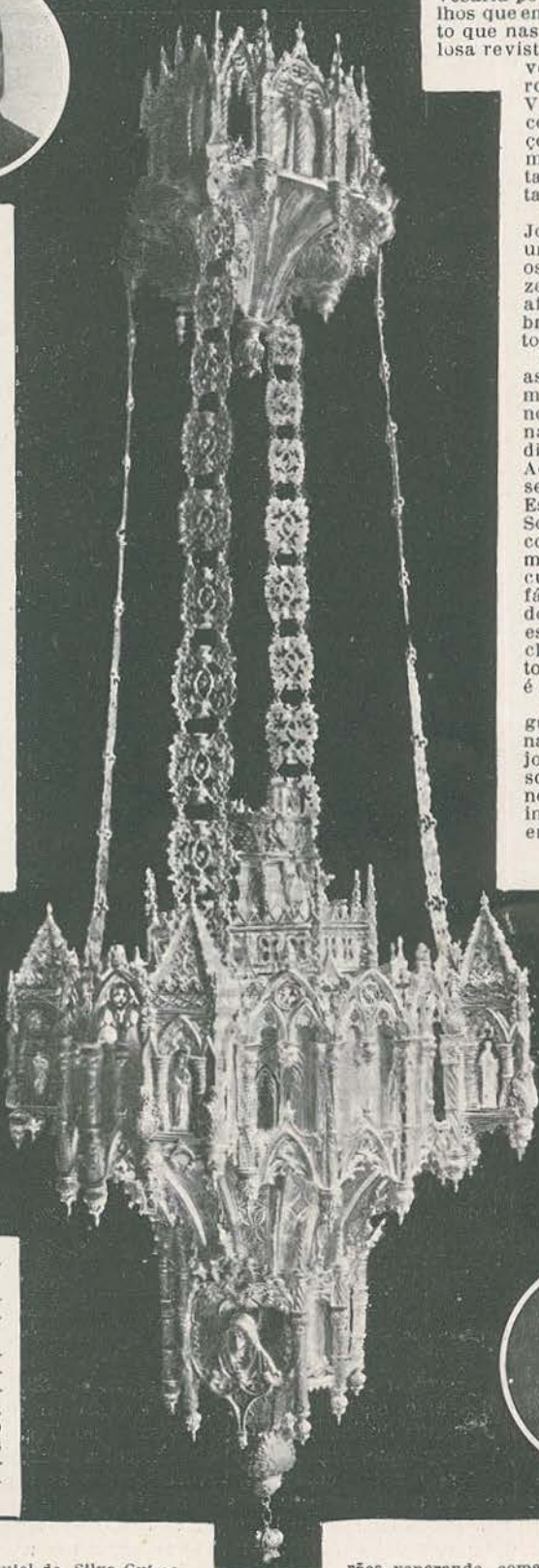
vesaria portuguesa com trabalhos que enobrecem. Não ha muito que nas paginas da escrupulosa revista *A Arte*, o critico severo e professor austero que é Joaquim de Vasconcelos, se referia com o mais subido apreço, reproduzindo algumas das obras mais notaveis do distinto artista lavrante.

É, pois, o nome de João Afonso Alfáro o de um consagrado entre os lavrantes portugueses. No futuro mais se afirmará para apparecer brilhantemente na Historia da Arte Decorativa.

Possue o artista todas as condições, até a da modestia em que vive no seu *atelier* e officinas na rua do Bom Jardim, n.º 114, do Porto. Admirado por todos os seus condiscipulos na Escola d'Arte Aplicada Soares dos Reis, onde conclue este ano com os maiores louros o seu curso, João Afonso Alfáro muito aproveitou dos seus mestres, sendo estimado de Van Krieken e o discipulo dilecto do grande artista que é João Augusto Ribeiro.

Estas referencias orgulharão a arte nacional e darão alento ao joven artista João Afonso Alfáro a proseguir no alevantamento da industria d'ourivesaria em Portugal.

A. L.



1. O sr. Ezequiel da Silva Guimarães, benemerito doador da lam-

pada.—2. A lampada.—3. O sr. João Afonso Alfáro, talentoso artista que concebeu, desenhou e executou a lampada